

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO

O Congresso das Raças Um Manifesto por uma Estética-Ecológica

Senhores Acadêmicos

Quão insondáveis e vários são os caminhos da existência.

O curso imprevisível do destino conduz-nos a portos inesperados. E hoje aqui estou .

Exclusivamente por vossa generosidade, chego à Casa Superior da Cultura de minha terra. Nenhum mérito trago a não ser o desejo crescente de aprender e saber cada vez mais .

Outros que aqui chegaram melhores títulos trouxeram. Vós quisestes, talvez, em mim, homenagear a inquietude e a esperança, a rebeldia e o sonho. Nada vos trago, efetivamente, a não ser a modesta contribuição para a grande tarefa que todos haveremos de realizar nesta terra quente e hospitaleira de Rondon. Trago-vos aquilo que no percurso de minha juventude me tem marcado como ferro em brasa:

Um pedazo de azul en la consciência

y un rayito de sol dentro del alma, na expressão de Amado Nervo.

Honra-me ser recebido na Casa de Augusto João Manoel de Leverger, o Barão de Melgaço. Historiador e geógrafo, político, cientista e brilhante estrategista militar, nascido embora em Saint Malô, torna-se desde 1830, pelo acendrado amor à terra, em brasileiro e cuiabano .

Esse bretão cuiabanizado, como foi com propriedade cognominado, bem simboliza o entrelaçamento simbiótico entre os que chegam à nossa terra e dela se tornam filhos adotivos e queridos. A hospitalidade e a generosidade vem sendo assim a marca basilar desta terra e desta Casa, bem representada na figura do anfitrião-mor, esse francês que em cuiabano se tornou .

Honra-me pois chegar aqui, neste silogeu aonde estiveram os mais conspícuos lumináres de nossa cultura, e não apenas mato-grossense, do porte de um D. Aquino Corrêa, de um José Barnabé de Mesquita, de um Virgílio Corrêa Filho e de um Nilo Póvoas, de um Cesário Neto e de um Estevão de Mendonça .

Historiadores, cronistas, oradores e filólogos, poetas e prosadores, eméritos todos na faina do exercício diuturno da cultura na província, onde o reconhecimento quando raramente vem, vem dos pósteros apenas. Chegar

aqui aonde ainda reluzem figuras exponenciais da cultura regional, nossos contemporâneos, me é muito honroso, Senhores. Permito-me assim repetir, aqui e agora, a mesma expressão de alegria manifestada por um dos maiores, mais criativos e inconformados escritores de nosso continente. Quando recebeu de Machado de Assis a comunicação da sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, Euclides da Cunha disse: *não sei de nenhum posto mais elevado neste país.*

Honra-me, sobremaneira, adentrar nesta Academia de Letras no exato dia que assinala uma das mais heróicas epopéias da história deste país, sustentada basicamente por nossa gente mato-grossense. Corria o ano de 1867 e, há dois anos já, os invasores paraguaios pisoteavam o solo pátrio mantendo sob o seu domínio larga faixa do território. A ignomínia se dava ao altíssimo custo de inenarráveis sofrimentos e vidas de compatriotas, entre os quais, pela bravura indômita na resistência desigual havia se sobressaído imorredoramente o poconeano Antônio João Ribeiro. E foi no dia 13 de junho, à frente do 1º Corpo Expedicionário, aqui formado pelo Presidente da Província José Vieira Couto de Magalhães, que o cuiabano Tenente Cel. Antônio Maria Coelho, numa façanha digna de Esparta, toma de assalto a Vila de Corumbá e, expulsando os invasores, escreve uma das mais belas páginas de nossa história .

Três dias depois teria início, sob o comando do Cel. Camisão, a dramática Retirada da Laguna, posteriormente celebrizada pelo Visconde de Taunay. Alegro-me pois poder aqui, entre vós, marcando a minha entrada na Academia Mato-Grossense de Letras, comemorar feitos tão inesquecíveis.

– Os Caminhos do Destino –

Senhores Acadêmicos.

São tão vários e inesperados os caminhos do destino a nos conduzirem a imprevistos portos . E aqui, sendo generosamente recebido por vós, e, dentre vós, por essa figura exponencial de jurista e Poeta, filósofo e professor, que é João Antônio Neto, está um mato-grossense das margens do Araguaia e do Garças. A criança que fui está fundamente marcada pela força telúrica do berço natal, por suas águas e por suas matas. Esse menino não podia prever, porém, fosse ele o primeiro filho da região a adentrar neste recinto maior da cultura de sua terra.

Descendente de nordestinos que sou, essa gente sofrida, desgarrada em nossos bravios sertões à cata das grupiaras dos garimpos, cuja resultante quase sempre foi a ilusão, mantive sempre, tal qual esses ascendentes, a mesma busca de um sonho . Não passava ele porém por esta Academia. Não. O meu sonho de filho de Barra do Garças que, em menino brincava nas

barrancas onde os dois grandes rios se encontram e se beijam, não caminhava nesta direção. O adolescente inquieto que fui, igualmente não pretendia aqui estar algum dia. Quando menino, porque supunha impossível a um homem desse interior afastado e distante de então e filho de um modesto trabalhador, poder ombrear-se com aqueles que tiveram o privilégio da cultura nos grandes centros. Os caminhos porém me conduziram, ainda que ao peso de esforços e sacrifícios de meus progenitores, em direção à cultura dos grandes centros. Mas já então, o adolescente se rebelara contra instituições, todas lhe parecendo o símbolo do estabelecido e do inamovível, do *status quo*, a fortaleza do conservadorismo. E, se se dedicava com afinco e amor à literatura desde cedo, não era porém para fazê-lo em direção a uma Academia. Não. Isso não. É que as Academias lhe pareciam como sentinelas do convencional, como a força do arcaísmo, algo *démodé*, centros do reacionarismo hibernado, como subordinadas aos totalitários da ocasião, enfim, que se constituíam no repouso de nefastas velharias. A Academia, portanto, como sinonímia do conformismo, causava náuseas àquela juventude inquieta e rebelde dos anos 60, a que pertenci. Sim. Senhores, sou dessa geração atormentada pelas dúvidas existenciais e marcada pelas inquietações intelectuais e políticas. Uma geração que, convivendo com o vulcão das convulsões sociais e com uma sociedade, ainda hoje, em crise de valores, viveu uma época em que a violência do Estado se impôs de maneira indiscutível e quase absoluta. A minha geração se viu assim tão prematuramente engolfada na luta fratricida, seccionada, não apenas pelas vocações rompidas como nas generosas vidas, roubadas à Pátria e aos pais, daqueles que tombaram no holocausto de um ideal. O arbítrio gerou uma época de incompreensões, de triunfo das mediocridades e de vitória das prepotências. A rebeldia e a resistência da mocidade foi a natural contrapartida.

Abeberávamo-nos então em fontes cristalinas de mestres como JOSÉ INGENIEROS:

Louvados os que aspiram mais Justiça, os que por ela trabalham, os que por ela lutam, os que por ela morrem, são plasmadores do porvir, encarnam ideais que tendem a se realizar na humanidade. (1)

Ou de poetas, como o exilado BERTOLD BRECHT:

*Não aceiteis o que é de hábito
Como coisa natural.
Pois em tempo de desordem sangrenta,
De confusão organizada,
De arbitrariedade consciente,
De humanidade desumanizada,*

Nada deve parecer natural

Nada deve parecer impossível de mudar. (2)

Assim, nos rebelamos, quando muitos preferiram o silêncio. Continuo a crer, ainda, agora e sempre, nessas mesmas idéias e a admirar esses mesmos poetas. Honra-me, e procurarei transmitir isso aos meus filhos, o ter pertencido a uma geração que lutou e resistiu, ainda que ao peso de privações, de sofrimentos, de dores e lágrimas, de exílios, prisões e mortes. Senhores, era nesse quadro de idéias e de lutas, e portanto bastante compreensível, que se manifestava a ojeriza e o repúdio que tínhamos às instituições de um modo geral, entre estas às Academias de Letras .

– **O Papel da Academia** –

O tempo porém, pai e mestre da vida, levou-me, no entretanto, a compreender melhor o papel exercido pelas Academias e a ver que, no que possa existir de convencionalismo há igualmente, demonstrado no decurso histórico, o esforço do espírito na salvaguarda dos valores do idioma luso, tão rico e tão desprezado, tão forte e tão machucado. E se elas nem sempre têm uma posição de vanguarda, não se recusam contudo a renovarem-se sempre. E se alguns dos mais ilustres literatos deste país recusaram-se a ela pertencerem, como Monteiro Lobato e Carlos Drummond de Andrade, ou com ela posteriormente romperam como Graça Aranha, em 1924, não obstante dela fizeram parte alguns dos maiores renovadores da literatura e do idioma nacionais, como um Euclides da Cunha, um Manoel Bandeira ou um João Guimarães Rosa, além de pensadores eminentes como um Ivan Lins ou um Alceu de Amoroso Lima. Pude observar assim, Senhores, que, como no que se refere a todas as instituições, sacras ou profanas, existem os diversos ângulos de miragem. Sem desconhecer o que possa haver de negativo, comecei a ver na Academia o que de sobejo lhe realça como positivo. Já Machado de Assis, na oração inaugural da Academia Brasileira de Letras, em 7 de dezembro de 1897, traçava-lhe uma de suas funções precípua na tarefa da cultura nacional: Caber-lhe-á então defendê-la daquilo que não venha das fontes legítimas – o povo e os escritores – não confundindo a moda, que perece, com o moderno, que vivifica.

E este é um papel nada desprezível a ser exercido pela Academia, *máxime* num tempo em que a leitura, o estudo e o culto ao idioma – liame fundamental da nacionalidade – encontram-se tão desprezados e vilipendiados. Mas, Senhores Acadêmicos, um dos que, a meu ver, melhor definiram a Academia e o seu papel na sociedade, foi mesmo um dos mais insignes e cultos membros desta Casa de Leverger, o estudioso Gervásio Leite. Escreveu ele que, a Academia:

Não é apenas um cenáculo de beletristas mas um centro de estudos, onde os homens de pensamento vão construindo uma obra duradoura e fecunda, suporte espiritual das grandes massas nacionais que buscam hoje a sua incorporação dinâmica e eficiente no seio da nacionalidade .

Somos, por isso mesmo, uma corporação não de literatos entregues às atividades puramente beletrísticas, mas uma associação que procura elevar o nível de cultura de nossa gente pela participação efetiva e permanente dos seus membros na vida cultural do país (3) .

Efetivamente, a Academia Mato-Grossense de Letras teve, durante os longos anos de sua existência, uma grande participação na vida cultural do Estado. Legítima sucessora do Gabinete de Leitura, de 1874, da Associação Literária Cuiabana, de 1884, da original Sociedade Internacional de Estudos Científicos, criada em 1899, e naturalmente do Centro de Letras Mato-Grossenses que sobreviveu até a sua transformação nesta Academia, em 15 de agosto de 1932, esta instituição pôde cumprir um relevante papel cultural. É bem verdade que, nas últimas décadas, dinamismo social e a constituição de outros centros de cultura, retiraram da Academia a preeminência hegemônica que possuiu . Nem por isso, é mister que se o diga, ela perdeu a sua importância e validade. Vejo agora que a Academia poderá, e deverá mesmo, vir a ser uma casa viva, um centro de experiência cultural a influir na vida do Estado. E ainda para responder aos que insistem em negar, ao absoluto, o papel e a validade das Academias e a considerar que nelas se encontram todos os erros do conservadorismo, replico com a percuciente ponderação do filósofo marxista Adolfo Sanchez Vasquez:

Não basta negar para escapar ao academicismo. Quando se faz da negação uma finalidade em si e do anticonformismo uma meta absoluta, pode ocorrer (. ...) o que alguém chamou de conformismo do anticonformismo, isto é, uma nova e sutil forma de academicismo(4), e aduzo eu, este é o pior e mais grave de todos os academicismos.

E foi em assim observando e em assim pensando que aos poucos, e estimulado por esse dublê de historiador e político que é o insigne presidente Lenine de Campos Póvoas, que me quedei ante o pórtico deste sodalício de Leverger. E aqui estou, Senhores Acadêmicos, para trazer a minha modesta e despretensiosa contribuição ao estudo e ao trabalho já há tanto tempo proficuamente desenvolvidos por vós. E, se argumentos outros não vingassem em defesa de nossa Academia, posso em derradeiro ajuntar o que, a respeito da Academia Francesa, escreveu Pierre Mille:

Ela faz algum bem, e mal nenhum. É conhecida, pelo menos de nome, do último dos camponeses e dos operários. É a prova antiga, e sempre

viva aos olhos deles, de que existem em nosso país outros poderes além do dinheiro e da política. E isso não é pouco.(5)

Por isso, Senhores, aqui estou .

– O Patrono –

Senhores Acadêmicos,

Tenho a grave responsabilidade de suceder a poetas. Esta é uma Cadeira de poetas, como aqui no passado já se disse .

Quisera, porém, ter o dom, para fazer o panegírico do patrono da Cadeira 40 com a mesma beleza e a mesma fluência de estilo, com o mesmo brilhantismo e o mesmo ardor, que o teve D. Francisco de Aquino Corrêa, ao traçar-lhe o perfil em uma biografia cujo título tornou-se em cognome: *Uma Flor do Clero Cuiabano*.

Armindo Libanio Capistrano de Oliveira, nasceu nesta cidade de Cuiabá, aos seis de setembro de 1882. Filho do alferes João Capistrano de Oliveira e de Umbelina Pereira Mendes, pertencia ao escol da sociedade da época.

Estudou, no Colégio Salesiano de Cuiabá, até o primeiro ano ginasial, transferindo-se em seguida para o Liceu Cuiabano para concluir o secundário, onde foi colega do futuro Presidente da República Eurico Gaspar Dutra .

Desde muito cedo, porém, não obstante a férrea oposição familiar, mostrou-se vocacionado para a vida religiosa. D. Aquino Corrêa, seu colega de juventude e amigo até o final da vida, afirmando que a melhor fonte de que dispunha para escrever a sua biografia era o coração, bem descreve as condições em que afluou essa vocação, num quadro que igualmente retrata a Cuiabá de então:

O ambiente, em que dentro e fora da família, cresceu o jovem Armindo, não era absolutamente propício ao desabrochar da vocação eclesiástica.

O regalismo do Império adulterara, entre nós, os mais santos ideais do presbiterado. A profissão clerical atraía menos pelo seu espírito de sacrifício e renúncia ao mundo, do que pelo destaque social e prestígio político, de que gozava. A preocupação mundana invadia facilmente os santuários. Daqui não sei que atmosfera de escândalo, pervertendo, insensivelmente, até nas consciências mais sadias, a noção divina do sacerdócio. A Igreja clamava pela voz dos seus legítimos órgãos; sentia-se, porém, tolhida em sua liberdade pelos poderes temporais, a cuja sombra vivem os ministros do culto.

Veio a República, e varreu, em boa hora, essas ambições seculares. Alargou-se então, em torno ao clero, um profundo desprezo, que oscilava entre a indiferença e o sarcasmo. Desapareceram as ervas daninhas das vocações falsas e falhas mas sobreveio a secura e a esterilidade. Fez-se o

deserto.

Uma verdadeira vocação sacerdotal, que aí desabotoasse nessas condições, lembrar-nos-ia aquelas "flores de fogo", de que fala o poeta, aqueles cactos gloriosos, que à orla da cratera extinta e calcinada, brotam através das rochas decompostas, para de repente, na pulverização de ouro do pólem, que salta, fazer rebentar, como um trovão no silêncio, a sua flor de brasa: Tal foi a vocação do Armindo. (6) - conclui D. Aquino.

E Armindo de Oliveira manteve-se tenaz em seu desiderato. Com a determinação de quem *soube colocar a razão e a fé acima de todas as recalitrações dos instintos alarmados* (D. Aquino), por três vezes fugiu da casa paterna para o seminário. A forçada aceitação pela família dessa determinada vocação, dá ao sacerdócio um homem de rara e profunda fé. É um de seus superiores no seminário que, posteriormente, diria: *dentre todos os jovens, destacava-se pela suavidade ascética da modéstia, um moço de vinte anos.*

É no noviciado que adota o nome com que viria a se tornar conhecido: Armindo Maria de Oliveira.

Muito embora fosse um homem marcado por profunda vocação, Armindo não teve uma ascensão na hierarquia clerical. Colega de noviciado de D. Aquino é este, num caso singular da vida religiosa, depois de haver-se sagrado bispo, que, em 31 de dezembro de 1916, irá ordená-lo. E é o seu biógrafo mesmo, quem assevera: *nenhum de nós, entretanto, tinha tido vocação tão decidida, tão dramática e tão edificante como a sua, nem correspondera melhor aos encargos da vida religiosa.*

Toda a produção poética do Patrono da Cadeira 40 é religiosa. Às margens desse histórico Coxipó, aonde outrora se ouvia o mavioso cantar dos pássaros e as riquezas auríferas explodiam à flor da terra, é que o Pe. Armindo Maria de Oliveira, contemplando o céu anil e movido por uma profunda ascese, elegia os santos de sua predileção num cântico modesto mas arrebatado.

Efetivamente, não se preocupava ele em criar uma obra literária; seus trabalhos foram muito esparsos, publicados aqui e acolá. D. Aquino mesmo, homem afeito à literatura e exímio manejador do idioma que era, diz-nos que, em balde, chamou-lhe a atenção para melhor trabalhar seus sonetos. O amigo, com raras exceções, deu-lhe ouvidos; certamente achava que valia o que a inspiração tinha produzido no momento, não tendo sentido alterá-la posteriormente. Apesar disso havia elegido uma divisa que deveria norteá-lo na vida cotidiana: *Quod aeternum nom est, nihil est.* O eterno não é, nada é.

D. Aquino Corrêa, inclui em seu trabalho biográfico, apenas algumas

poesias do Pe. Armindo, mas diz-nos, esclarecedoramente, sobre elas:

É-nos lícito, pois, asseverar que o amor à santíssima foi o seu primeiro e o seu último cântico, o seu hino de matinas e o seu hino de completas, o seu canto de cotovia nas manhãs em flor da juventude, e o seu canto de cisne, ao lhe caírem, céleres e intempestivas, as sombras da grande noite .

Em 1918, era D. Aquino Corrêa Presidente do Estado quando convocou o Pe. Armindo de Oliveira para ser seu Secretário particular. Nada afeito contudo às atividades políticas e pouco à vontade na vida palaciana, logo desligar-se-ia do Governo, recolhendo-se ao Colégio Salesiano. Nesse ano porém tinha início, em Cuiabá, um surto da chamada *epidemia espanhola* e Pe. Armindo, tendo se dedicado a cuidar de alguns doentes, logo veio a contrair a peste. Não resistindo ao seu ataque, até mesmo por já ter o físico combalido por um início de tuberculose, veio a falecer no dia 23 de dezembro de 1918. Tinha então 36 anos e partiu como um patrimônio da bondade .

Esse jovem cura teve, na amorosa conclusão de D. Aquino Corrêa, uma *vida breve, mas cheia de muito tempo.*

– Os Antecessores –

Também poeta, e não só poeta, político ainda, foi o primeiro ocupante desta Cadeira.

Rosário Congro, nasceu em São Paulo, em 11 de setembro de 1884. Em Mato Grosso chegou em 1906 e logo provisionou-se como advogado. Exerceu esse mister com brilho e, como era de se prever, engolfou-se na atividade política. Foi vereador em Corumbá, onde ajudou a fundar a Biblioteca Pública e o Gabinete de Leitura; intendente-interventor de Campo Grande, nomeado que foi em 1918, pelo Presidente D. Aquino Corrêa, e posteriormente Prefeito de Três Lagoas, aonde finalmente passou a residir em definitivo. Foi Deputado Estadual, em 1935 e 1950, tendo ocupado a Presidência daquele Poder, Secretário de Estado e por fim ministro do Tribunal de Contas do Estado .

Congro cantou as belezas da terra e fez a defesa dos indígenas. Tornou-se bastante conhecido, nas tertúlias literárias de então e nos grupos escolares da região, com o poema *As Garças*:

*Morre a tarde de rosas na planura,
No pantanal desce a tristeza agora,
Branças, tão brancas como a neve pura,
Ao pouso as garças voltam, céu em fora.*

Já no poema *Índia* celebra, na mesma linha de Gonçalves Dias, a beleza índia.

*Tostada pelo sol do novo mundo
Flor animada das brasilias selvas,
Mais bela que moema é inaiá,
Arde-lhe o sangue em lava,
De esquisito sabor os labios tem*

- *Mais doce que o polpudo sapoti*
- *E os olhos negros, quais profundos lagos,
Mostram, boiando, o lótus do pecado.*

Rosário Congro faleceu em Três Lagoas no dia 11 de outubro de 1963, tendo publicado: *Inaiá, Sombras do Ocaso, Colunas Partidas, Outras Ruínas e Últimos Caminhos*, todos de poesias.

Senhores,

É a uma personalidade polimorfa, rica de sentimentos e de existência, que se situava num ponto em que, simultaneamente, era preso ao atavismo dos avoengos e em que buscava mirar o futuro. A um Poeta, ensaísta e conferencista, a um homem de pensamento e ação é que tenho a honra e a responsabilidade de suceder na Cadeira 40.

Hugo Pereira do Vale, nasceu em Campo Grande em 11 de janeiro de 1918, filho de Saturnino Silvério Pereira e Maria do Vale Pereira .

Após fazer os estudos primários e secundários em sua terra natal, concluindo-os no Colégio Osvaldo Cruz, em 1935, com o título de Bacharel em Ciências e Letras, dirigiu-se à antiga Capital da República para cursar as Ciências Médicas. Entra para a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, interrompendo os estudos no 2º ano, para apresentar-se, como voluntário, à Força Expedicionária Brasileira. É enviado então aos campos conflagrados da Europa e de lá, com a patente de 1º Tenente, volta com medalhas que testemunham o bravo combatente que foi. Recebeu a *Medalha de Campanha da FEB* e a *Medalha de Guerra*. Posteriormente, receberia ainda, entre outras, a *Medalha da Sovrani Georgi Ex Corinthia*, da Áustria, e a *Medalha de Medicina da Aeronáutica*. Em 1951, Hugo do Vale conclui o curso de Medicina e de imediato, volta ao Estado natal onde se tornaria renomado profissional, vindo a ser inclusive Professor titular na Faculdade de Medicina da Universidade de Mato Grosso. Anos mais tarde, não satisfeito com os conhecimentos específicos já adquiridos, e sentindo a forte vocação de humanista que desde cedo se manifestara, desejando alargar e aprofundar sua visão dos problemas sociais e humanos, meu antecessor entra na Faculdade de Direito de Campo Grande, concluindo o curso em 1970.

Médico e Advogado, Professor e Militar, é, no entanto, como poeta e ensaísta que Hugo Pereira do Vale deixa uma herança a ser lembrada. Esta, aliás, venha a ser talvez a única e maior glória daqueles que se sentem vocacionados para as letras, para o pensamento. Bem ou mal, algo sempre

permanecerá para a recordação dos pósteros.

E Hugo Pereira do Vale como poeta ou como ensaísta mostrou-se fundamente vocacionado para o Homem. Sua poética e seu conhecido ensaio *Atrás das Muralhas da Razão* bem demonstram a preocupação voltada para o aprimoramento do ser humano, mostrando a sua grande destinação sobre a face da terra. Diz ele num oportuno esclarecimento:

A nossa meta "Atrás das Muralhas da Razão" é tão somente o Homem. Não temos seita religiosa para o estudo que estamos fazendo neste livro, não pertencemos à grei política e nem tampouco pretendemos ser os portadores exclusivos da verdade. Estamos colaborando, contribuindo para uma orientação mais sadia para o nosso companheiro de jornada.

Não temos pressa, também, de um imediato resultado, pois o que semeia terá de esperar o tempo oportuno para a colheita (6) .

A preocupação com a sementeira mostra a grandeza d'alma de Hugo do Vale. O filósofo e membro da Academia Brasileira de Letras, Ivan Lins, embora dele discordasse em suas idéias basilares, positivista que era, não se negou a dizer, na apresentação do citado ensaio, que aqueles escritos eram inspirados pelo mais puro idealismo, revelando a um tempo, enorme generosidade de sentimento e notável lastro de cultura. Com efeito, Senhores, cultura e humanismo, saber e sentimento eram, afinal, irmãos gêmeos na personalidade multifacetada desse médico e advogado, um poliglota que versejava com igual facilidade em espanhol, italiano, inglês e francês. Aliás, sobre essas características, que lhe eram intrínsecas e marcantes, bem o expressou o acadêmico Gervásio Leite ao saudá-lo nesta Casa:

*Estas meditações – dizia, referindo-se a *Atrás das Muralhas da Razão* - revelam a poderosa estrutura mental do pensador que sois; manifestam a imensidão da vossa cultura; a pureza da vossa filosofia e, sobretudo, a certeza de que sois um eleito para uma missão por certo árdua, pesada, fatigante, mas que estais cumprindo com desembaraço e superioridade.(8)*

O homem sensível que era Hugo do Vale deixaria transparecer, na sua poesia, a funda tristeza do ideal não alcançado. Expressando com sensibilidade e beleza:

*O destino galopou
O dia todo no seu cavalo
De crina de ouro,
E a noite veio bater.
À porta da minha tenda
Armada na quietude do deserto
A alegria era a minha companheira
Ao vir da aurora
Ela havia desaparecido...*

Porque a alegria

Não mora com o destino. (destino e alegria)

Em sua poesia, que segundo o historiador da literatura sul-matogrossense José Vieira Pontes(9), sofria a influência daquele que é, talvez, o primeiro e mais marcante poeta social de Mato Grosso, Lobivar de Matos, eu a vejo, ao contrário, isto sim, como uma poesia que se dirige mais ao transcendente que ao social, mais ao que existe de subjetivo e espiritual que à face terrena do homem; no meu modesto entender, a poesia de Hugo do Vale contém mais de metafísica que de materialidade, porquanto que fala mais ao homem enquanto perspectiva de Deus que ao homem produto do homem. E, nesse sentido, a sua ensaística encontra e justifica os seus versos. Senão vejamos:

Preocupado com o estado do homem, em erro e em pecado, segundo a sua visão idealista, indagava amargamente no já citado ensaio:

Por que mais se erra do que se acerta?

Para desoladamente responder:

Tão somente pelo estado em que se encontra a grande massa da humanidade .

Todas as conquistas do gênero humano são diminutas, por sua própria culpa. O Homem procura vencer todas as batalhas e se esquece de seu maior inimigo – o seu orgulho. Derrotado interiormente, vai caminhando sem entranhas como um fantoche movido por longos fios do capricho dos semelhantes.

O homem é o criador obstinado do seu grande infortúnio. E no silêncio das suas indagações inferiores ele vai tecendo a viscosa teia da vingança.

– O autor mostrava-se então cético quanto à saída para o homem; e escrevia ele:

É muito difícil ao habitante da terra fugir à regra geral, uma vez que ele está mergulhado ao máximo no lodaçal do vício, perdido na mesquinhez do seu caráter primitivo. Há exceções, é bem verdade, disto sabemos; mas são poucas.(10)

Moralista à maneira Schopenhauer, o poeta transmitia também à sua imagística, o pessimismo, o sentimento de desencanto e desilusão, a melancólica tristeza, indagando perplexamente:

Recolho-me

Na insignificância do meu "ser"

Sou ser ou coisa ?

Eis a questão,

A amarga questão

Então por que viver?

Se tudo é nada

Se a vida é leve brisa

No calendário

Das tormentas infindáveis?

A placidez de uma cova rasa

É o melhor lugar
E o tudo.
O deserto é o grão de areia
Em átomo.
A morte no poema .
É o sagrado lugar do poeta .
A vida
É a folha morta,
Caída
No vendaval .
Eis
A amarga questão

(*Eis a Amarga Questão*)(11)

O poeta e o ensaísta parecia ser um eterno cético, um homem amargo por natureza, um constante ofendido e desiludido da vida, perplexo e profundamente pessimista. Este o retrato que fica para quem apenas o lê. Procurou ele mesmo porém retirar essa impressão:

Muitos a lerem estas linhas – escrevia ele em Atrás das Muralhas da Razão – julgarão o autor um enveredado pelas trilhas da traição, desiludido pela derrota, abandonado na incompreensão .

Mas, não se trata disto.... (12) e procurou justificar-se no soneto *Prudência*:

*Porque esta vida inglória é sempre assim
– Desde que Sócrates bebeu cicuta .
– Desde que Abel foi morto por Caim*

No entanto, essa imagem de amargura e de permanente perplexidade que bem se mostra em seus escritos, era desmentida, segundo aqueles que com ele conviveram, no dia a dia do profissional da medicina, no cotidiano do pai e do amigo. A sua generosidade e grandeza d'alma foi bem retrada por um seu velho amigo. No necrológio que publicou, com o título *Há um sol do outro lado* (13), dias após a sua morte, assim escreveu Otávio Gonçalves Gomes, seu confrade na Academia Sul-mato-grossense de Letras:

Hugo era capaz de se atirar contra uma arma engatilhada para defender um amigo ou um injustiçado; e igualmente, capaz de se comover até às lágrimas quando falava à Bandeira da Pátria ou acariciava uma criança.

A compreensão dessa aparente ambivalência de comportamento, o do poeta desolado e do ensaísta amargo e desesperançado com o cotidiano do homem e o do ser humano generoso e lhano, o do médico atencioso e, do amigo correto que foi, procura dá-la o mesmo necrológio:

Hugo realmente era um temperamento contraditório. Um temperamental, e, justificando-o, completa: Mas os poetas, os artistas, os sábios

não são temperamentais?

Hugo Pereira do Vale publicou, em 1975, uma coletânea de poesias, a que deu o título de *Areias do Deserto*. Um ano antes havia saído o ensaio *Atrás das Muralhas da Razão* e, em 1973, a biografia de Santos Dumont, *Glória dos Cem Anos*. Deixou inéditos, os livros de poemas *Sapo Lua* e *Serenata*.

Meu antecessor figura igualmente na coletânea de Hélio Serejo, publicada em 1960, *Poesia Mato-Grossense*; na *História da Literatura Mato Grossense*, de Rubens de Mendonça (1970); na *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, de José do Couto Vieira Pontes (1981) e na *A Poesia de Mato Grosso do Sul*, de Otávio Gonçalves Gomes.

É naquele que, possivelmente tenha sido o seu poema derradeiro, seu canto de cisne por assim dizer, que HUGO PEREIRA DO VALE, quase que como num testamento, realiza a sua autobiografia, define o destino enquanto poeta, desenvolve a sua funda crença religiosa e traça a elipse da esperança norteadora de sua vida terrena. Eis a expressão poética de seu epitáfio:

Os longos caminhos da morte

*Andei pelos caminhos da morte
Interessante
Lá disseram-me
Que não eram caminhos da morte
Mas sim caminhos da vida.
Era uma longa estrada,
Envolta tranqüilamente,*

*Em neblina da manhã
Os campos estavam cobertos de flores
A primavera
Orquestrava as horas
No canto dos pássaros.*

*Tudo era paz
Os que ali encontrei
Trabalhavam na seara imensa
Da grande colheita.
Os grãos eram de ouro
E a prata das águas
Brilhava no fundo dos regatos
Correndo sobre os seixos.*

*Informaram-me
Que os homens não morrem
Que a vida
É um eterno renascer*

Para todos os mundos.

*Não existem caminhos da morte
São caminhos da vida
Que terminam jamais,
Os caminhos que encontrei
Conduziram-me para a eternidade
Ha! esta sim
Tem todos os caminhos
Que seguimos
Onde quer que estejamos*

*Lá no fim da estrada
A vida e a eternidade
Se encontram
E se confundem
Na imensidão
Do infinito azul.*

Dois anos de sofrimento atroz, a doença venceu seu corpo, no dizer do amigo Otavio Gomes, e Hugo Pereira do Vale partia em 20 de janeiro de 1982.

Senhores, procurei cumprir, ainda que claudicante, a tarefa das homenagens aos que, antes de mim, vieram ter com louvor e honra a este sodalício.

– O Compromisso do Escritor –

Senhoras, Senhores,

Ao ingressar nesta Academia de Letras, consagrada no respeito e na admiração de nossos co-estaduanos mais ilustres nestas seis décadas de sua existência, não quero, nem posso, desertar de minha inflexível posição a favor dos valores culturais e de minha profunda crença no triunfo final da Justiça Social, da Democracia e da Liberdade.

E aqui chego, como sempre estive, acicatado pelas idéias. Julgo-me um homem alimentado pelas idéias, idéias no sentido poeticamente utilizado por Paul Valery: *o diabólico chicote de víboras das idéias – víboras de lampejos que se excitam umas às outras e exigem violentamente viver cada uma delas e sem demora.*

Creio e confio que esta Academia lhes dará guarida. Não trago porém um sistema de idéias pronto e acabado, não venho com fórmulas feitas, nem trago soluções perfeitas, sequer se pretendem originais. Nada tenho a não ser idéias para serem debatidas, contestadas, criticadas e modificadas. Mas idéias no campo da literatura, da filosofia e da ciência política eu as trago. E, o que é essencial, antes que respostas, trago perguntas. Penso, como André Malraux, homem de ação e de pensamento, tão vivido no

debate das idéias deste século, que:

É possível que, no domínio do destino, o homem valha mais pelo aprofundamento de suas perguntas do que por suas respostas, e não é isso também o que nos ensina, num belo soneto, síntese de maiêutica, o nosso pensador João Antônio Neto?

E a verdade, o que é?

– para, em seguida, responder:

Que a Verdade é a pergunta – e a Mentira é a resposta.

Então, Senhores, vamos perguntar e questionar o papel da cultura, e do saber, o nosso papel como escritores, artistas, pensadores, poetas, jornalistas, intelectuais enfim, no contexto sócio-geográfico em que nos situamos e no quadro de uma Nação em rápido processo de transformações sociais, políticas e culturais e no qual emergem para o palco da História decisivas forças sociais antes submetidas ao domínio das elites. Discutir, como trabalhadores do espírito que somos, seja aqui na instituição acadêmica ou na imprensa, seja na cátedra universitária ou nos diversos debates públicos, cabe-nos discutir, neste momento de reordenamento institucional do país, a dimensão essencial da cultura, isto é, o projeto de homem que almejamos, nas condições de nosso tempo e de nosso país .

Esta questão vital, da forma como colocada conduz-nos necessariamente, a um questionamento, em primeira instância, sobre o papel do conhecimento, da cultura, do saber e da escola, de um modo geral, na sociedade em que se vive. A cultura, o processo cultural em si, passa a ser visto como parte integrante de uma perspectiva global na mecânica da transformação da sociedade. E aqui se insere outra pergunta, desdobrada da primeira. Qual a função então do intelectual, do escritor, do artista, nesse contexto? O que pode ele?

As nossas reflexões devem estar, sem dúvidas, direcionadas para esse horizonte. Pensar diferente, agir de um outro modo, será estiolar-se na esterilidade, será frustrar o ofício de escritor, trair um compromisso imanente, negar a essência mesma da obra de arte.

Se já houve um tempo de enclausuramento em *torres de marfim*, ele só existiu para os medíocres. Na verdade, os grandes e autênticos criadores, de Dante a Zola, de Camões e Cervantes a Shakespeare e Balzac, de Victor Hugo a Dostoiévski, e entre nós, um Euclides da Cunha, um Lima Barreto ou um Graciliano Ramos, para só ficar em alguns epígonos, foram homens que buscaram captar artisticamente a essência da realidade, vendo com força e em profundidade, um dado modo de conceber a vida e o mundo. Não raro, envolveram-se na dinâmica mesma das transformações sociais de seu

tempo, vivendo o dilaceramento da política e o redemoinho das revoluções. Padeceram quase sempre, sofrimentos, privações, prisões, exílios. A participação, como escritores e como cidadãos, na realidade política e social de sua época, não lhes impediu, ao contrário, de construir uma obra literariamente bela e profundamente comprometida com o seu tempo e com a história de seu povo. Tornaram-se assim imortais. Porque, para uma obra de arte, como nos ensina Gramsci:

A beleza não basta: requerer-se um determinado conteúdo intelectual e moral que seja a expressão elaborada e completa das aspirações mais profundas de um determinado público, isto é, da nação - povo numa certa fase de seu desenvolvimento histórico. A literatura deve ser, ao mesmo tempo, elemento atual de civilização e obra de arte.(15)

Está aqui, talvez, a indicação do caminho a percorrer. O fazer uma literatura e uma arte inteiramente imersas no fenômeno social, voltadas para a existência do coletivo e para a plasmação de uma força social, que pelo sentimento, pela emoção e pelas idéias venha a sacudir o conformismo, o temor, a inércia e o medo, a miséria e o sofrimento, a alienação e a opressão existentes como feros grilhões que aprisionam e escravizam. Isto é possível? Sim, isto é possível. Pois, *Ninguém continua a ser como era, depois de ter sido abalado por uma verdadeira obra de arte.* (16) .

E agora vemos um terceiro ângulo das reflexões desenvolvidas até aqui. Surge então a necessidade do intelectual, do escritor, do homem de pensamento em viabilizar esse projeto libertador, torná-lo factível, fazê-lo possível.

E como fazê-lo senão participando, e participando ativamente, das angústias e inquietações de sua gente, da vida política e social de seu tempo, das transformações de uma sociedade em crise? A visão dialética e a praxes transformadora tornam-se assim vitais para o intelectual, para o homem de letras, para o pensador. Aí estão as lições da História .

Os longos anos de arbítrio, com todas as suas seqüelas, que sufocaram esta Nação, tentaram impedir a natural caminhada rumo à liberdade. Conseguiram somente obstaculizar a expressão do povo e de seus artistas, apenas interrompê-la por duas penosas décadas. Agora, retomamo-la, pois, por definição, a Arte é um movimento constante em direção à Liberdade. A Liberdade, a Democracia, é fundamental condição para a extensão do saber; daquele saber que surge como uma tocha na noite escura. Poucos foram tão felizes e tiveram tanta sensibilidade para descreverem essa realidade, como o fez, com terrível realismo, Henry Miller, no belo ensaio biográfico que escreveu sobre Rimbaud:

Quando se sufoca a voz do poeta a história perde o sentido e a ameaça escatológica irrompe como nova e terrível aurora nas consciências humanas. somente agora, à beira do abismo, é possível compreender que tudo o que nos ensinaram é falso'. a prova dessa afirmação devastadora está aí, visível, todo dia, em toda parte: no campo de batalha, no laboratório, na fábrica, na imprensa, na escola, na igreja. Vivemos inteiramente no passado, alimentados por pensamentos estéreis, crenças obsoletas, ciências mortas. E é o passado que nos devora, não o futuro, o futuro sempre foi e sempre será do poeta.(17) .

SENHORES ACADÊMICOS

Tendo traçado, a-vôo de pássaro, as linhas gerais de minhas idéias sobre estética e a política, permitam-me, na etapa final desta oração que já se alonga, abordar, também rapidamente, alguns aspectos do fazer literário em nossa terra e o compromisso que com ela, e seu povo, temos.

Antes porém gostaria ainda de acentuar a importância e a responsabilidade do poeta, do romancista, do literato de uma maneira geral, no contexto social e histórico, com a oportuna lembrança do estudioso das idéias, K. Kautsky:

As obras poéticas são com freqüência muito mais importantes, para o estudo de suas épocas, do que as mais fiéis narrações históricas. As últimas nos dão somente os elementos pessoais extraordinários e importantes, que são o menos permanente em seu efeito histórico; as primeiras, por outro lado, nos oferecem um panorama da vida diária das massas que é constante e permanente em seus efeitos, com duradoura influência sobre a sociedade. O historiador não relata estas cousas porque as supõe conhecidas e evidentes. É, por esta razão, que as novelas de Balzac são uma das fontes mais importantes para o estudo da vida social da França nas primeiras décadas do século XIX (18)

-UMA PROPOSTA ESTÉTICO-ECOLÓGICA -

Desde as últimas décadas vem existindo uma acentuada preocupação nos grandes centros brasileiros para com esta parte do Brasil. Preocupação esta caracterizada com ênfase desde os anos 60, mas já a partir de fins da década de 40, começos da de 50, essencialmente com o processo de ocupação territorial e com o conseqüente alargamento de uma nova fronteira econômica. O esgotamento das terras sulistas, o seu alto preço, o aumento populacional, enfim, a necessidade de se dar vazão ao fluxo do crescimento industrial do incipiente capitalismo brasileiro e de se ocupar o imenso vazio geográfico, fez com que, autoridades e particulares, voltassem suas atenções para a Amazônia, para Mato Grosso. E o surto migratório

prossegue, até de forma anárquica, com as suas inevitáveis conseqüências sociais. Dezenas de novos municípios e outro tanto de núcleos populacionais, qual cogumelos, estão surgindo nos últimos anos, matizando a paisagem então desértica. A questão da terra, com as disputas por sua posse, os litígios lindeiros, o sangue posseiro tisanando o chão, vem sendo, repetidas vezes, notícias nos grandes jornais do centro sul e do estrangeiro. A perspectiva industrial que se abre ante um promissor mercado de consumo, são dados que igualmente se antecolocam (ou se deveriam colocar) presentes nas mesas governamentais. Eis aqui, senhores, um rapidíssimo painel do complexo mosaico sócio- econômico, de conseqüências não de todo previsíveis, desta nossa Amazônia, deste nosso Mato Grosso.

Neste contexto, como há de se dar a inserção dos nossos homens de cultura (professores e jornalistas), dos nossos artistas, dos nossos ensaístas e historiadores, dos nossos ficcionistas e poetas? Evidentemente, que a postura filosófica que esposto leva-me a encarar o fazer cultural, considerado num dado momento histórico de um dado meio geográfico, dentro de uma perspectiva globalizante, em que não se permitem compartimentos estanques ou autônomos. Mestre Georg Lukacs, em seus *Ensaaios Sobre Literatura*, coloca bem a questão:

Nem a ciência, nem os seus diversos ramos, nem a arte, possuem uma história autônoma, imanente, que resulta exclusivamente da sua dialética interior. A evolução em todos esses campos é determinada pelo curso de toda a história da produção social, no seu conjunto: e só com base nesse curso é que podem ser esclarecidos de maneira verdadeiramente científica os desenvolvimentos e as transformações que ocorrem em cada campo singularmente considerado .(19) .

SENHORES.

Esse indissolúvel entrelaçamento entre a produção do espírito e as relações de produção sociais subjacentes, é indiscutível condição para o resultado de uma obra intelectual válida. A captação artística da realidade, não a sua mera cópia, é o que determina a perenidade de uma obra de arte, de um romance, de um poema.

E como é que nos situamos, nós mato-grossenses-amazônides, nesse quadro de expectativas transformadoras?

Se fôssemos comparar a *presença mato-grossense e amazônide* com um corpo humano – o social, o econômico, o cultural partes desse corpo, certamente teríamos, na parte que correspondesse ao cultural, um ser disforme, de repugnante aleijume, já que a *presença* cultural de Mato Grosso,

em particular, tem sido caracterizadamente aleatória, nula.

É evidente que toda uma circunstância exógena contribuiu decisivamente para essa situação. No passado, o avanço arrasador do litoral sobre o sertão, voltado exclusivamente para extrair riquezas e estabelecer o colonialismo interno. Mais recentemente tal situação foi enfatizada, graças ao negro manto da censura e do terror cultural que a nação foi forçada a vestir e que dificultou a emergência de uma criatividade coletiva, sobretudo no campo cultural.

O país começa a se entreabrir para a vida democrática, vale dizer, para a participação plena. Surge agora um tempo em que o povo voltará, apesar das incertezas provocadas pela brutal crise econômica, a ser inovador e criativo. A nossa gente mato-grossense, entre este. E em que as instituições culturais, oxalá, se tornem em centros propulsores de uma criatividade endógena, integrada ao seu povo e própria do contexto amazônida; que sejam instituições geradoras de um pensamento ecológico inovador e construtivamente rebelde, e ao invés de serem tão só, e fugazmente, *transmissoras*, que se tornem em *criadoras* do saber.

Inegavelmente, a perenidade da raça, a característica marcante de sua identidade coeva e póstera, está em seu traço cultural, aí compreendido o idioma, a expressão folclórica e literária, a tradição histórica. A sedimentação na mudança – poderia ser até a frase - síntese deste nosso pensamento estético-ecológico. A interpretação artística ou científica da realidade circundante é, na verdade, o grande objetivo a que nós, mato-grossenses-amazônides, devemos nos propor. Pois no campo especificamente artístico e literário não há como o escritor, o pintor, o poeta, reconhecer fora de si, da terra onde pisa seus pés, do ar que respira ou das tradições de sua raça, as forças norteadoras de seu espírito e sensibilidade. Tolstoy já nos ensinou que para ser universal é preciso falar de nossa aldeia. A preocupação está assim em realizar o processo criativo de uma cultura, de um fazer literário e poético de ambiência e validade Nacional. É necessário porém que, numa sistematização Durkheimiana, apreendamos o sentido dessa cultura tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro. E é nessa amplitude do olhar, nessa visão ambiciosa, sem dúvida, que deverá ancorar daqui para frente o construir de uma perspectiva efetivamente amazônida, telúrica, envolvida com o realizar criativo de nossa gente, com o existir de nossa terra, e que seja ecologicamente comprometida com a nossa realidade e estabelecida e fundada a partir DE e PARA o SER MATO-GROSSENSE, o ser AMAZÔNIDA. Tal perspectiva estabelece-se numa vontade palpável do nosso SER HISTÓRICO e fundamenta-se numa abordagem negavelmente ambiciosa já que procura

embasar-se, e justificar-se, em dados não apenas puramente literários, senão que sociais, econômicos, antropológicos, históricos; étnicos, até .

Numa conferência, proferida em 1942 e publicada posteriormente (1.943), *Uma Interpretação da Literatura Brasileira*, Viana Moog, o conhecido autor do ensaio comparativo *Bandeirantes e Pioneiros*, descarta o relato cronológico como o melhor método de estudo da literatura brasileira, para situá-lo numa ordem que leva em conta a *análise dos núcleos culturais cuja soma forma o complexo heterogêneo de nossa literatura*. Desenvolve o ensaísta a idéia de que a análise desses núcleos brasileiros deva ser feita agrupando-se as regiões onde predominam o mesmo clima, a mesma geografia, as mesmas forças de produção e, sob esse ângulo conclui que, *não constituímos um continente; somos antes um arquipélago cultural. Com muitas ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas* .

É importante esposar essa análise porque ela nos dá a tranqüilidade para advogarmos uma posição de identidade própria no contexto cultural brasileiro, em que a idéia de subalternidade ante os grandes centros – a província se quedando embasbacada e mimética ante a metrópole – é varrida para debaixo do tapete. Não como a avestruz a ignorar o que ao seu derredor se passa, ou como o fogo-fátuo a brilhar ante as louvaminhas passageiras (estas sim provincianas). Não. Mas, na verdade, para se constituir num fazer literário, num existir cultural que, retirando da força da terra, da presença telúrica, da cosmogonia envolvente, surja no contexto nacional como uma expressão própria e palpitante, emergentemente autóctone, ainda que integrado no universo maior do SER NACIONAL.

E por que não?

Na história da literatura brasileira há toda uma nobre linhagem de ficcionistas que souberam, com arte e grande competência, inserir o seu meio-ambiente e as tradições de sua terra no universo ficcional, marcando dest'arte fortemente a presença de seu povo. Ainda que possa cometer alguma injustiça, quero lembrar um Afonso Arinos e a sua Minas Gerais, um Simões Lopes Neto e o seu Rio Grande do Sul, Waldomiro Silveira e Monteiro Lobato com São Paulo, José Lins do Rego e José Américo introduzindo o tórrido Nordeste, o goiano Hugo de Carvalho Ramos com o seu *Tropas e Boiadas*, e, além desses, mais contemporaneamente, o também goiano Bernardo Élis (com *Ermos e Gerais*, de 1944), os mineiros Guimarães Rosa (com *Sagarana*, de 1946) e Mário Palmério (com *Vila dos Confins*, de 1956) e ainda o goiano José J. Veiga (com *Os Cavalinhos do Platiplanto*, de 1956), isto para só situar os mais influentes. Caminharam eles no sentido de valorizar esteticamente a sua terra e sua gente e deixaram, e estão deixando, uma obra perene.

Reúne-se aqui na Amazônia, e particularmente em Mato Grosso, o *Congresso das Raças*. O processo migratório iniciado no século passado com as levas nordestinas, continuado com a marcha para o Oeste nas décadas de 40 e 50 com o deslocamento da gente do centro-sul e, já agora, nos últimos três lustros, com os colonos sulistas (gaúchos, paranaenses, catarinenses, etc.), estão constituindo, nestas paragens, o verdadeiro sentido do SER NACIONAL. Uma situação talvez única, e certamente com poucos precedentes no mundo, está a ocorrer aqui, com repercussões múltiplas e polivalentes e ainda não de toda dimensionada. Exige-se pois que seja inteiramente dialetizado este Pathos.

Enquanto que, na consideração de Viana Moog, cada uma daquelas regiões se desenvolveram culturalmente de maneira estanque, formando, por isso mesmo, arquipélagos, aqui, o encontro simbiótico das gentes de cada um daqueles arquipélagos está se constituindo num Continente. Nossa experiência direta e cotidiana nos faz detectar elementos culturais tipicamente nordestinos se mesclando, se fundindo, se introjetando com elementos caracterizadamente sulinos, e a contrapartida é igualmente verdadeira. Usos e costumes, o folclore e a história, a culinária e os falares, e já agora a etnia, está forçosamente criando um processo novo e estimulante: a verdadeira, legítima e autêntica civilização cultural brasileira, a civilização do próximo século e milênio. Aqui está surgindo, creio, a face do Brasil autêntico, moderno, não dicotomizado, isto é, um universo culturalmente integrado, sem ser uniforme. Não mais o desenvolvimento estanque e circunscrito, porém a integração cultural mais formidável que pode ocorrer numa Nação, porque natural e espontânea, ampla e aberta, não dirigida e democratizante. A nossa cultura, a cultura mato-grossense e amazônica, que nesse processo está sendo partejada, talvez possa vir a cumprir, na dinâmica desse contexto, o mesmo papel fundamental já desempenhado pela literatura brasileira, num período decisivo da consolidação da história pátria. Antônio Soares Amora mostrou bem que:

De 1822 a 1870 todas as nossas forças morais e materiais convergiram para estes objetivos: manter a unidade interna do país; formar-lhe a consciência nacional e integrá-lo no concerto das Nações livres e civilizadas. A unidade interna e a participação na vida internacional foram obras da política administrativa, militar e diplomática; a consciência nacional foi obra em grande parte dos nossos escritores românticos. Para nós, criar a consciência nacional era criar a consciência de uma nova realidade cultural. E não foi o que objetivaram e conseguiram (não importa que com certos erros

de nacionalismo extremo) historiadores, jornalistas, oradores, romancistas, teatrólogos e poetas românticos? (20) .

Eis aí a tarefa, eis aí o caminho. A tarefa é árdua, o caminho penoso. Poderemos contudo haurir forças nos exemplos permanentes desta terra rondonina. Pois, não foi aqui mesmo que, em fins do século XVIII, agindo no plano interno, e num empreendimento homérico, que Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, político e diplomata, tendo com extraordinária tenacidade pontilhado o território mato-grossense, de Corumbá a Cáceres, do Forte do Príncipe a Vila Bela, e levando ao extremo os marcos do domínio português, derrubou, na prática, o Tratado de Tordesilhas? E não foi também aqui, na segunda metade do século XIX, que o Ten. Antônio João Ribeiro, agindo no plano externo, barrou, no gesto dramático da epopéia, as forças invasoras?

Oxalá, possamos, Senhores, no campo menos dramático da luta cultural, mas de indisputável importância enquanto força cimentadora da nacionalidade, mirar-nos com respeito estimulantes nos exemplos avoengos.

Creio que será na decantação, até num sentido darwiniano, dos aspectos culturais e sociais que apontamos, que se irá estabelecer um verdadeiro tipo de cultura, simultaneamente autóctone e universal, de uma emergente cosmogonia, uma nova visão de mundo, quiçá até o surgimento de um novo *HOMO BRASILENSIS*. Talvez se possa mesmo constituir aqui a cultura mais autêntica deste país, uma base do saber que irá corresponder a antevisão do próximo século e milênio. Por conseguinte, o tipo de literatura que, juntando as particularidades mais expressivas de cada um dos arquipélagos culturais aqui existentes, venha a corresponder ao Brasil democrático e à literatura popular e nacional que pretendemos todos construir para o futuro. Retomando Viana Moog, no já citado ensaio:

...uma literatura que há de ser telúrica, como a amazônica; social, como a do Nordeste; erudita, como a da Bahia; humanística, como a de Minas, bandeirante, como a de São Paulo; a um tempo regional e universal, como a do Rio Grande; tudo isso temperado pela ironia do núcleo cultural da metrópole, para que seja acima de tudo, profundamente humana e brasileira .

A proposta para a nova cultura mato-grossense-amazônide é, sem dúvida, ambiciosa, Sem essa ambição, todavia, não haveremos de construir nada . E, além dela, há que se ter ainda coragem, fôlego e a santa e sagrada rebeldia criadora. Oxalá o passamos, neste Mato Grosso e nesta Amazônia telúricos – onde se realiza o encontro das raças, onde a imaginação se incandesce e onde os corações se unem na encruzilhada de um novo tempo.

SENHORES ACADÊMICOS,

Estamos chegando ao fim do começo. Começo de um novo degrau em minha modesta existência, limiar para novas realizações, marco da caminhada, estímulo para prosseguir-la. Trago para cá a mesma chama incandescente do ideal que me tem norteado a vida e aqui procurarei haurir de vossas sabedorias e experiências. Serei nesta Casa o mais humilde dentre vós, na certeza de que a mim não me cabe a afirmativa generosa que Gervásio Leite generalizou ao saudar meu antecessor, segundo o qual a *cadeira número 40, constitui propriedade de poetas e daí porque, sendo a última na seqüência numérica, é das primeiras pelo brilho dos seus ocupantes.*

Honra-me pertencer à Casa de Barão de Melgaço. Orgulho-me de estar entre vós, de ser um de vós.

Honra, orgulho e alegria que vós, na vossa generosidade e grandeza, causais à alma simples e esperançosa de minha gente e que cala tão profunda no coração radiante de meus pais e de minha esposa.

Mas, Senhores Acadêmicos.

Minhas Senhoras e Meus Senhores, esta festa não teria sentido, o engalanamento desta noite seria vácuo, a grandeza da homenagem esmaeceria como um poente se não pudesse dedicar esta homenagem e transmitir a honra, o orgulho e a alegria àqueles que haverão de manter o encantamento e o sonho. Portanto, eu oferto a Carlos-Thiago Sidarta, a Carlos-Rafael Demian e a Penélope – *aprendizes da esperança* – pela serena certeza de que haverão de estar sempre aonde sopram os ventos da História e entoando as mesmas canções dos que, semeando auroras, lutam por Justiça, por Dignidade e por Liberdade.

A Missão é cumprida.

Obrigado.

Notas

1. JOSÉ INGENIEROS – As Forças Morais, Ed. Melso, RJ., s/d.
2. BERTOLD BRECHT – *Nada é Impossível de Mudar*, Antologia Poética - Ed. Leitura, 1977
3. GERVÁSIO LEITE – *Saudação a Hugo Pereira do Vale* – no opúsculo, Gratidão e Humildade, p. 28, Ed. do autor, 1976.
4. ADOLFO SANCHEZ VASQUEZ – *As Idéias Estéticas de Marx* – p. 118, Ed. Paz e Terra, 1968.
5. PAULO RONAI – *Dicionário Universal de Citações*, Ed. Nova Fronteira, 1984
6. D. AQUINO CORRÊA – *Uma Flor do Clero Cuiabano*, Ed. do autor, 1933, RJ. (Todas as citações sobre o Pe. Armindo de Oliveira são retiradas desta biografia)
7. HUGO PEREIRA DO VALE – *Atrás das Muralhas da Razão* – p. 128, Ed. do autor.
8. idem, ibidem
9. GERVÁSIO LEITE, op. cit.
10. JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES – *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, Ed. do Escritor, 1981.
11. HUGO PEREIRA DO VALE – op. cit., p. 100/101.
12. OTÁVIO GONÇALVES GOMES – *Correio do Estado*, (Campo Grande) – in: *Suplemento Literário*, 22/23 de janeiro, 1983.
13. HUGO PEREIRA DO VALE – op. cit., p. 101.
14. OTÁVIO GONÇALVES GOMES – per. cit. - 13. 14 de fevereiro de 1982
15. Idem, ibidem -22/23 de janeiro, 1983.
16. A. GRAMSCI – *Literatura e Vida Nacional* – p. 90 ,Ed. Civilização Brasileira, 1968.
17. ADOLFO SANCHEZ VASQUEZ – op. cit. . p.22
18. HENRI MILLER – *A Hora dos Assassinos* – L&PM Editores, 1983.
19. EDMUNDO MUNIZ – *O Espírito das Épocas* – p. 132, 2a Ed. Melso.
20. GEORG LUKACS – *Ensaio sobre Literatura* – p. 12, Ed. Civ. Brasileira.
21. A. SOARES AMORA – in: Prefácio de *Grandes Poetas Românticos do Brasil*, de Frederico José da Silva Ramos.